

«Projecto EARN liga universidades e centros de pesquisa

Investigação portuguesa tem acesso gratuito a rede intercontinental de computadores

O Centro de Cálculo da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa está, desde a tarde de quarta-feira, ligado a uma rede de computadores instalada em estabelecimentos congêneres de doze países europeus, nos Estados Unidos, no Japão e em Israel. É o Projecto EARN, que abre aos investigadores portugueses as portas de um admirável mundo novo.

TODA A COMUNIDADE de investigação portuguesa tem acesso gratuito a cerca de 1500 computadores instalados em mais de 500 universidades e centros de investigação europeus e com extensões directas a Washington, Nova Iorque, Haifa e outras «capitais» do pensamento aplicado. E, através destas, a outras redes de computadores com os mesmos objectivos.

Ditas as coisas assim, parece não ser importante. Na verdade, trata-se da entrada da investigação portuguesa na revolução silenciosa e imparável que está a mudar o mundo: a informática, com as suas inegáveis

vantagens e na origem de alguns receios, também.

O Projecto EARN — Rede europeia de universidades e centros de investigação —, a que a Universidade de Lisboa aderiu, tem por finalidade impulsionar e desenvolver uma rede europeia de computadores de universidades e centros de investigação, para facilitar a intercomunicação entre os vários grupos de investigadores europeus e americanos. Vem também ao encontro do cada vez maior número de investigadores para quem a utilização da informática é vital.

O EARN utiliza linhas delicadas, quer dizer, não utiliza a rede pública de transmissões de dados. Esta situação permanecerá, em princípio, até fins de 1987, dependendo da capacidade das redes públicas a absorverem.

Fernando Costa Parente, docente de Física da UL, director do Centro de Cálculo da Faculdade de Ciências e presidente português do EARN, considera que o impacto das possibilidades agora abertas à comunidade científica portuguesa será «o maior possível». Neste momento, estão instalados no INESC, no LNETI e no LNEC. Podem ser ligados ao Centro de Cálculo, tendo assim acesso à rede europeia e internacional, com um mínimo de investimento —

cerca de 30 mil contos em três anos.

Haja alguém que lidere o processo

Aqui levanta-se a necessidade de concretizar uma rede de ligação das instituições portuguesas entre si. O interesse existe — e o serviço EARN é gratuito — e se há quem possa servir-se, pagando, e caro, da rede pública, isso não acontece com a grande maioria.

«Existem muitos projectos para a concretização da rede nacional de computadores», disse Costa Parente, «e não é sequer difícil. Há uma certa indefinição. Julgo necessário que alguém lidere o processo...»

Dessas indefinições resultará, ainda, que a comunidade científica portuguesa, «que está desajustada de ter acesso a este tipo de comunicação directa, gratuita e mais rápida do que qualquer outra» viva, hoje, quanto a este assunto «numa certa desorientação. Há uma grande dúvida e, mesmo, cepticismo».

A rede EARN abre possibilidades que parecem saídas de um livro de ficção científica. Algumas delas: o contacto directo com todos os investigadores de instituições que integram

a rede; a utilização de tempo em computadores de (muito) maior capacidade, do que os existentes em Portugal; a participação em projectos de equipa, em que os investigadores se encontram em países diferentes; o acesso a bancos de dados.

A entrada das universidades e centros de investigação portugueses para este «clube» tem os seus custos. Pelo menos o Centro de Cálculo da Faculdade de Ciências de Lisboa — o nó nacional e internacional — terá de aumentar a sua capacidade de processamento, hoje de quatro megabytes, sobrecarregados. E o futuro não se lhe apresenta risoso. A Faculdade terá de abandonar as actuais instalações, à Avenida 24 de Julho. A construção das novas instalações universitárias tem-se arrastado penosamente. O edifício, a inaugurar em Outubro na Cidade Universitária, não contempla instalações para o Centro de Cálculo, e a alternativa será a transferência para a reconstruída Escola Politécnica — «onde ficaremos longe de toda a Faculdade e, daí, dos nossos utilizadores», lamenta Costa Parente.

O equipamento de um centro de cálculo necessita de instalações com características específicas, e o restabelecimento das ligações, após a mudança,

envolve custos, além da delicadeza do próprio hardware.

Também se levanta a questão de quem suportará os custos da linha «dedicada», que liga o Centro de Cálculo ao nó central espanhol, na Universidade de Barcelona, por onde passa todo o «serviço» português para os outros destinos. Os custos são suportados, até Dezembro do próximo ano, por uma multinacional, mas há que definir quem, a partir dessa data, os irá satisfazer.

Por outro lado, está definido que, numa primeira fase, a rede nacional deverá integrar «pelo menos» instituições de Lisboa, Coimbra, Aveiro, Porto e Braga. Podem atingir montantes elevados os encargos com a ligação entre estas cidades através da rede pública, a Telepac, pelo que «se torna indispensável encontrar um meio de financiamento adicional».

Quem descobriu rapidamente algumas potencialidades abertas pela EARN foram os alunos da Faculdade de Ciências, que utilizam até à saturação os 30 terminais do Centro de Cálculo. No painel de um dos terminais instalados no sexto andar do edifício relampejou, subitamente, a mensagem: «Consegui ligar ao Japão». E quase se ouviu a máquina soltar um grito de júbilo...

Die
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica
Univ. Lisboa